

Preços Guerra, lockdown na China e problemas nas cadeias geram pressão  
**EUA culpam choques externos por disparada da inflação**

Colby Smith, Eric Platt e Lauren Feder  
Financial Times,  
de Nova York e Washington

O aumento dos preços ao consumidor nos EUA superou 8% em 12 meses até março, maior taxa desde 1981, com a alta nos custos da energia e dos alimentos, mantendo a pressão sobre o Federal Reserve (Fed, o BC americano) para que adote medidas agressivas para enfrentar a inflação.

Também a Alemanha reportou ontem uma aceleração da inflação ao consumidor para 7,3% ao ano em março — maior taxa desde 1981, reforçando os sinais de pressão global nos preços.

Economistas alertam que a pressão inflacionária na Alemanha permanecerá intensa e a taxa continuará a subir nos próximos meses. "A inflação de energia e a pressão de preços estão subindo mesmo com a atividade econômica sob o risco de contração", disse Andrew Kenningham, economista-chefe para a Europa da consultoria Capital Economics.

Nos EUA, o índice de preços ao consumidor (IPC) subiu 8,5% em março ante março de 2021, ficando um pouco acima das expectativas, segundo informou ontem o Departamento do Trabalho. A alta no mês foi de 1,2%, maior salto desde setembro de 2005 e bem acima da taxa de 0,8% de fevereiro.

Excluindo itens voláteis como energia e alimentos, o "núcleo" do IPC avançou 0,3% em março. Este foi o menor aumento desde setembro, mais ainda assim se traduziu em uma alta anual de 6,5%.

Lael Brainard, diretora do Fed, alertou para os riscos de "alta" da inflação, citando a invasão da Ucrânia pela Rússia — que alimenta a alta dos custos da energia e dos alimentos — e os novos "lockdowns" na China contra a covid-19, que podem agravar os problemas nas cadeias de suprimentos.

"A economia vem carregando agora uma série desses riscos de choques inflacionários causados

por acontecimentos externos", disse Brainard em um evento promovido pelo "Wall Street Journal". "Estamos vendo muita resiliência, mas também uma pressão inflacionária muito alta."

Essa foi a primeira leitura da inflação que incluiu um mês inteiro do impacto da guerra na Ucrânia. A Rússia é um dos maiores exportadores mundiais de energia e ela e a Ucrânia são grandes fornecedores de trigo e outros grãos.

A moderação no "núcleo" do IPC desencadeou uma alta dos títulos do Tesouro americano e nos mercados de financiamento "overnight", com os operadores rebaixando suas apostas para o ritmo e intensidade do aperto monetário pelo Fed neste ano.

Mas os mercados ainda estão precipitando o aumento da taxa referencial do Fed para 2,45% até o fim de 2022, inferior à de 2,59% estimada anteriormente no dia, mas bem acima da atual faixa de variação da taxa, entre 0,25% e 0,50%.

Na segunda-feira o governo Joe Biden responsabilizou a guerra pela disparada dos preços. A portavoza da Casa Branca, Jen Psaki, disse que a medida do IPC seria "extraordinariamente elevada devido à alta dos preços de Putin".

Mas o senador democrata Joe Manchin discordou ontem: "O Fed e o governo não agiram com a rapidez suficiente, e os dados de hoje são um retrato das consequências que estão sendo sentidas em todo o país". Ele acrescentou ter sido "um desserviço à população americana agir como se a inflação fosse um fenômeno novo".

Manchin, que barrou os planos de gastos sociais abrangentes de Biden sob a alegação de que seriam inflacionários, disse que pôr os preços "sob controle exigirá medidas mais agressivas" da parte do Fed, bem como uma mudança da política energética no Congresso.

"Todo mundo está preocupado com a inflação", disse Vincent Reinhart, ex-membro-sênior da equipe do Fed e atual economista-chefe do Mellon. "Isso vem em primei-

**EUA têm a maior inflação desde 1981**

Variações em %



Fonte: U.S. Bureau of Labor Statistics. Elaboração: Valor Data

**Inflação nas principais economias**

Variações em 12 meses\* (%)

País/ período ref.	%	País/ período ref.	%
Turquia (mar/22)	61,14	Reino Unido (fev/22)	6,20
Argentina (fev/22)	52,30	Canadá (fev/22)	5,70
Rússia (mar/22)	16,70	África do Sul (fev/22)	5,70
<b>Brasil (mar/22)</b>	<b>11,30</b>	França (mar/22)	4,50
Espanha (mar/22)	9,80	Cingapura (fev/22)	4,30
Holanda (mar/22)	9,70	Coreia do Sul (mar/22)	4,10
Estados Unidos (mar/22)	8,50	Austrália (dez/21)	3,50
Zona do Euro (mar/22)	7,50	Indonésia (mar/22)	2,64
México (mar/22)	7,45	Suíça (mar/22)	2,40
Alemanha (mar/22)	7,30	Arábia Saudita (fev/22)	1,60
Índia (mar/22)	6,95	China (mar/22)	1,50
Itália (mar/22)	6,70	Japão (fev/22)	0,90

Fontes: IBGE e Trading Economics. Elaboração: Valor Data \* Até o período de referência

ro lugar nas pesquisas."

Os números enfatizaram o efeito dos preços das commodities, já que um salto na gasolina foi responsável por mais da metade do aumento geral do IPC de março. Nos últimos 12 meses, os preços nos postos de combustível subiram 48%, o que inclui um aumento de 18,3% entre março e fevereiro.

Fora do setor de energia, o aumento dos preços dos serviços essenciais se acelerou em março, com uma alta de 0,6% no mês, ou 4,7% ao ano. Esse foi o maior salto mensal desde agosto de 1992.

Mas houve sinais de desaceleração nos aumentos em outras áreas. Os preços dos carros usados, que dispararam desde que a pandemia do coronavírus afastou muitos americanos do transporte público,

caíram 3,8% em março. O custo de compra de um veículo novo subiu 0,2% em relação ao mês anterior, um aumento menor do que o ganho registrado em fevereiro.

Os temores de que a inflação fique mais arraigada na maior economia do mundo levaram o Fed a adotar nas últimas semanas uma abordagem mais agressiva quanto ao aperto da política monetária.

Após o dado do IPC de março dos EUA, os juros dos títulos de 10 anos do Tesouro americano caíram 0,06 ponto percentual, para 2,72%. No mercado de ações, o índice S&P 500 chegou a subir, mas depois recuou e fechou em baixa de 0,3% em uma sessão volátil. (Com agências internacionais)

Leia mais sobre inflação na pág. C2



# Mercados Juros futuros encerram em alta; escalada do petróleo e inflação sob pressão trazem pessimismo Ibovespa segue exterior e termina com perdas

**Gabriel Roca, Felipe Saturnino e Igor Sodré**  
De São Paulo

O elevado nível de desconforto dos investidores globais com a alta da inflação ao redor do mundo voltou a reduzir a demanda por ativos de risco. A sensibilidade ao tema voltou a ficar explícita ontem, com a alta firme dos preços do petróleo piorando o humor geral da sessão, mesmo em um dia em que o mercado recebeu de maneira menos pessimista os dados do índice de preços ao consumidor (CPI) nos EUA.

Os índices acionários de Wall Street fecharam em queda, pressionando também o Ibovespa, que chegou ao terceiro dia seguido de perdas. No mercado de juros, a vo-

latilidade deu o tom e as taxas se ajustaram em alta, enquanto o dólar fechou em leve queda.

A principal referência da bolsa local fechou em queda de 0,69%, aos 116.146 pontos. Após um mês de março de ganhos expressivos, as perdas do Ibovespa vão se avolumando em abril e já chegaram a 3,21%. Em Nova York, o Dow Jones recuou 0,26%, o S&P 500 perdeu 0,34% e o Nasdaq caiu 0,30%.

Participantes do mercado avaliaram que as pressões inflacionárias seguem persistentes nos principais países do mundo, o que tem levado bancos centrais a sinalizar uma aceleração no processo de retirada dos estímulos monetários oferecidos durante a pandemia.

Nos EUA, o CPI do mês de março avançou 1,2% em relação ao

mês anterior, atingindo a marca de 8,5% no acumulado anual. O nível é o maior desde dezembro de 1981, informou o Departamento do Trabalho americano. No entanto, o núcleo da inflação, medida mais acompanhada pelo Federal Reserve (Fed) e que exclui itens voláteis como alimentação e energia, subiu 0,3% na base mensal, ante uma expectativa de consenso de alta de 0,5%.

"A inflação dos aluguéis parece estar diminuindo um pouco, e o acúmulo de estoques no varejo está finalmente diminuindo a inflação de bens. Esses são desenvolvimentos positivos que aumentam as chances de que a inflação tenha, de fato, atingido seu pico em março", diz a economista-chefe da Jefferies, Aneta Markowska.

Neste sentido, a divulgação até deu força aos índices em Nova York e no Brasil, que passaram boa parte da sessão operando em alta. Nas máximas do dia, por exemplo, o Ibovespa chegou a subir 1,42%.

O economista internacional da Occam e professor do Departamento de Economia da PUC-Rio, Andre Duarte, concorda com a visão de que março pode ter marcado o pico da inflação nos EUA, salvo a ocorrência de choques adicionais. No entanto, o núcleo abaixo das estimativas de consenso não deve alterar o plano de voo do Fed.

"Uma desaceleração da inflação já é o cenário-base da insituição para este ano. Além disso, o mercado de trabalho está extremamente aquecido e existe risco de que uma espiral preço-salário se forme caso

a autoridade monetária não aperte a política de forma relevante."

Assim, a sensibilidade dos investidores a notícias que possam impactar os preços ao redor do mundo segue elevada. Ontem, o sentimento dos agentes acabou pressionado pela alta nos preços do petróleo. Os contratos futuros do Brent para junho fecharam o pregão com ganhos de 6,25%, negociados a US\$ 104,64 o barril.

A alta no petróleo acabou pressionando também o mercado de juros no Brasil, levando as taxas futuras a um ajuste em alta. A taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2024 subiu de 12,65% para 12,68% na B3, enquanto, em vencimentos mais longos, o juro do DI para janeiro de 2027

avançou de 11,64% para 11,72%.

"Há muita volatilidade no mercado", observou Vinicius Alves, estrategista da Tullet Prebon. "A reação do mercado tinha sido forte pós-CPI nos EUA. Parecia até o caminho todo bonito, mas a dinâmica cessou", disse o profissional.

Já no mercado de câmbio, a leitura dos agentes foi a de que o núcleo do CPI abaixo das estimativas de consenso ajudou a aliviar parte da pressão recente do dólar. A moeda fechou o dia em queda de 0,28%, cotada a R\$ 4,6766. "Isso [núcleo da inflação dos EUA abaixo da estimativa] acabou dando um alívio para a expectativa de aumento de juros mais agressivo nos Estados Unidos", diz Cristiane Quartaroli economista do Banco Urubim.

**Veículo:** Impreso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

**Seção:** Internacional **Caderno:** A E C **Página:** 13 e 2